

TURISMO CULTURAL NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE: CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA DE ATRATIVOS NAS “FAZENDAS IMPERIAIS”¹

Adalgiso Silva Silveira²

RESUMO

Este artigo reanalisa os resultados de pesquisa efetuada no biênio 2005-2006 (Fase 1), para definir parâmetros de uma nova pesquisa nessa região sobre as práticas da hospitalidade em 2015 (Fase 2). Na forma de pesquisa exploratória, busca compreender o desenvolvimento da atividade turística em um conjunto de propriedades rurais representativas da cafeicultura durante o século XIX no vale do Paraíba Fluminense, mediante consulta a documentos impressos e eletrônicos. Verifica que na fase 1 um total de 22 fazendas, oriundas de 1768 a 1870, exploravam o turismo; e na fase 2, esse número passa a 27, indicando o crescimento/valorização dessa oferta de atrativos turísticos. Os serviços oferecidos aos turistas e visitantes eram, na fase 1 da pesquisa, visitação, hospedagem e passeios no interior e exterior da fazenda, com destaque para a visitação guiada. O principal atrativo na visão dos proprietários era a arquitetura da casa sede associada à história e cultura da fazenda e região, além do próprio mobiliário, decoração, natureza e atividades de lazer. Na fase 2 outros serviços e atrativos foram criados, em especial novos eventos com técnicas interpretativas de história viva, como sarau histórico e temático, chá imperial, baile imperial e de fantasia.

PALAVRAS-CHAVE: TURISMO NO ESPAÇO RURAL. TURISMO HISTÓRICO CULTURAL. FAZENDAS IMPERIAIS. VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE.

¹ A primeira versão deste artigo foi apresentada no XII Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Turismo – ANPTUR, realizado em 2015 em Natal, Rio Grande do Norte.

² Bacharel em História. Professor de Cursos de Graduação em Turismo. Mestre e Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes ECA/USP. Pós-doutor em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi - UAM. Email adaltour@usp.br

INTRODUÇÃO

Patrimônio e história, independente da dimensão populacional ou territorial, representam o passado de um povo, de uma sociedade ou de uma comunidade. Seus remanescentes materiais simbolizam hábitos, costumes e culturas passadas, funcionando como ponto de referência e reflexões de experiências vividas, para as gerações do presente e futuras. O Vale do Paraíba Fluminense, ou o “Vale do Café”³, é uma região onde a cafeicultura atingiu índices máximos de produção em curto espaço de tempo e elevou o café a um patamar de valorização, transformando-o no principal produto de exportação do Brasil (ANDRADE, 1989). Essa monocultura cafeeira gerou fortunas e fez construir no espaço rural monumentais palacetes, influenciada que foi por modelos importados da Europa e impulsionada pelo desejo de ostentação e demonstração de poder (PIRES, 1980; 1986).

Passados mais de um século e meio da sua existência, essas residências rurais representam em pleno século XXI a memória material de uma história de contrastes e o paradoxo entre a riqueza e a pobreza, o glamour e a decadência, retratados na sua arquitetura imponente, composta por um cenário em que se confundem um misto de obras de arte e objetos de decoração, o que de melhor existia para a época, integrados com ferramentas de trabalho e de castigo de escravos. A partir da década de 1990, com o crescimento do turismo no Brasil, os proprietários dessas fazendas despertaram para uma nova realidade – o turismo na região. Essa oferta de atrativos turísticos de valor histórico e cultural motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los, podendo resultar em experiências enriquecedoras tanto para os visitantes (turistas e excursionistas) quanto para anfitriões (residentes).

³ O Vale do Café oferece aos seus visitantes um passeio pela história do Estado do Rio de Janeiro nos municípios de Vassouras, Valença, Barra do Pirai, Rio das Flores, Miguel Pereira, Pirai, Paty do Alferes, Pinheiral, Mendes, Engenheiro Paulo de Frontin, Barra Mansa, Volta Redonda e Paracambi.

Para Beni (2000), o turismo pode contribuir para a preservação de valores culturais que apresentam também um valor específico para o turista. Para ele os atrativos histórico-culturais são manifestações sustentadas por elementos materiais que se apresentam sob a forma de bens imóveis e móveis, como as fazendas que se integram no grupo de edificações rurais, categoria de arquitetura civil com funções mistas – residência, ensino e pesquisa, serviço e comércio -, mas que sejam passíveis de visitação.

Concorda-se com essa visão acerca da importância do patrimônio no meio rural, razão pela qual o desenvolvimento do turismo deve respeitar a integridade de seus recursos (efeitos diferenciais da paisagem rural, da tranquilidade, de repouso, arquitetura de época e popular). Lembra-se que a oferta de atrativos turísticos de valor histórico e cultural motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los, podendo resultar em experiências enriquecedoras tanto para os visitantes (turistas e excursionistas) quanto para anfitriões (residentes).

Tendo desenvolvido estudos na região desde o início da década de 2000, houve o interesse em desenvolver esta pesquisa exploratória do tipo documental (Dencker, 2005) a fim de investigar as atrações culturais ofertadas pelas fazendas remanescentes do ciclo do café no Vale do Paraíba Fluminense em 2006 (Fase 1) e em 2015 (Fase 2), identificando as alterações dessa oferta turística. O estudo ora apresentado baseou-se em um primeiro momento em dados secundários da tese de doutorado do autor (Silveira, 2007), os quais foram selecionados, sistematizados e reanalisados; e em um segundo momento em dados coletados nos sítios oficiais das fazendas da região cadastradas no Instituto Preservale (2015), entidade fundada em 1994 com o objetivo de divulgar e assessorar os proprietários no desenvolvimento do turismo na região, e em outros documentos impressos e eletrônicos.

Este artigo se inicia com uma breve contextualização da história do café na região, após o que apresenta os principais resultados do estudo documental a partir dos aspectos gerais das propriedades e seus proprietários e da caracterização e análise da oferta turística em 2006 e em 2015. Constata atrações culturais baseadas na interpretação patrimonial mediante aplicação da história viva que reforçam a vocação

do turismo cultural na região dissociado da vivência do meio rural, ou seja, do agroturismo.

CAFÉ E PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL NO VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE

As versões sobre a origem do café dão conta que a planta foi conhecida primeiramente na Etiópia (FERRÃO, 2004, p. 19) e depois teria migrado para a Arábia, pois “no século XV os árabes tomavam café, cabendo a eles a exclusividade da lavoura até o século XVII”. Assim cabe aos árabes a bebida obtida pela infusão de grãos, torrados e moídos em água quente.

Na América do Sul, conforme Taunay (1939), o café começou a ser cultivado na colônia holandesa do Suriname em 1718, com produção significativa em 1727 e se propagou pela América Central e chegou ao Brasil nesse mesmo ano. Desde as primeiras notícias da existência da espécie, o café provocou grandes mudanças no comportamento das pessoas e influenciou a humanidade em todos os setores.

Com a entrada da bebida no Brasil, por aqui, também os comentários e a crença sobre as qualidades da planta não foi diferente que no restante do mundo, ou seja, “era impossível conciliar as opiniões médicas”. Para uns o café era visto como um princípio de vida que curava todas as moléstias; para outros, embebedava, corrompia o sangue e destruía os princípios da geração. Depois a opinião comum era de que

[...] o café põe o sangue em movimento, ajuda a digestão, desperta [...], precipita os alimentos [e, portanto], o seu uso será saudável às pessoas gordas [...]; pelo contrário as pessoas magras, seccas de hum temperamento ardente e biloso, só devem usar delle com muita reserva (TAUNAY, 1939, p. 26).

A entrada das primeiras sementes de café plantadas no Brasil ocorreu, como já citado, em 1727, por intermédio de Francisco de Melo Palheta, sargento-mor, oficial do exército português. De acordo com Taunay (1939, p. 281), no final do século XVIII, a cultura do café era, ainda, economicamente insignificante no Brasil.

A fixação do café como produto agricultável transformar-se-ia em um curto espaço de tempo em uma cultura tão valiosa tal qual o foi o ouro nas Minas Gerais. De

acordo com Taunay (1939), no século XVIII aconteceu uma disseminação por toda a colônia. Na província da Bahia, por exemplo, relatos confirmavam que:

[...] o uso dessa bebida do café está tão generalizado, que ricos e pobres, pretos e índios, todos o tomam muitas vezes ao dia e a comarca de Caravellas promete para o futuro tornar-se assas importante pela grande exportação de café, visto que hoje muitos lavradores de mandioca abandonaram esta, e plantam o café (TAUNAY, 1939, v. II p. 38).

De norte a sul, verificou-se a presença do cafeeiro (lavoura do café), como uma agricultura alternativa, mas em pequena escala de produção, o que só veio a ocorrer a partir do plantio em terras fluminenses. No entanto, a propagação do café por toda a Colônia representava um risco para Portugal, que tinha como base da sua economia o açúcar. Apesar disso o cafeeiro se propagava...

A implantação da monocultura do café se deu simultaneamente em todo o Vale do Paraíba, hoje os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, na década de 1830. Foi introduzida quase ao mesmo tempo nos vales fluminense e paulista, logo após a decadência do ciclo da mineração no país, na segunda metade do século XVIII (Lamego, 2003). As condições climáticas dessas terras fizeram com que no início do século XVIII a região viesse a se transformar na maior produtora de café do mundo (Stein, 1961).

Na forma tradicional de plantation, se inseriu em grandes propriedades, com a utilização de mão-de-obra escrava, com o objetivo de cultivo para a exportação. O período áureo da cultura do café na província do Rio de Janeiro foi entre 1850 e 1870, sendo a cidade de Vassouras denominada a “Capital do Café” (Machado, 2000). Surgiu assim uma aristocracia rural, os Barões do Café (Sant’Ana, 2001), com os seus requintados palacetes, cujas “famílias foram adaptando os gostos e costumes aos moldes do luxo e ostentação, novos modos de viver impostos pela riqueza do café pelos títulos do baronato” outorgados pelo imperador (Soares & Vieira Filho, 2008, p. 49).

Tudo era importando do bom e do melhor. Havia um verdadeiro esbanjamento de dinheiro, e um gosto pelo luxo e a ostentação. Os “barões do café” [...], conquistavam e cortejavam o Poder. A Corte torna-se mais íntima e se transforma numa referência para os novos padrões de vida. (Silveira, 2007, p. 18).

Mas após o apogeu dessa cultura, houve a crise face aos proprietários manterem uma visão conservadora sem vislumbrar o futuro perante a produção em decadência, a falta de mão de obra (com a abolição da escravatura) e a forte concorrência do café produzido em outros países. Eles passaram a fazer empréstimos, hipotecaram suas terras e a realidade do Vale se transformou no século XX. Herdeiros e novos donos assumiram as propriedades e introduziram a pecuária leiteira e outras atividades agrícolas.

Muitas casas-sede das fazendas (casarões) passaram a ser utilizadas como hotéis, cassinos ou outros fins. A partir da década de 1970, poucas fazendas permaneceram nas mãos da família de origem, sendo que a maioria passou para uma nova elite sem ligação com a elite do café (Silveira, 2007). Houve assim a possibilidade de incrementar o turismo histórico-cultural como uma nova função nas propriedades rurais do Vale do Paraíba Fluminense.

TURISMO HISTÓRICO-CULTURAL NAS FAZENDAS IMPERIAIS

ASPECTOS GERAIS DAS PROPRIEDADES

Em 2005 foram levantadas 22 fazendas distribuídas em 5 municípios do Vale do Paraíba Fluminense, região turística Vale do Café, que estavam associadas ao Instituto Preservale. Dez anos depois, em 2015, houve um crescimento de 22% dessa quantidade, passando a 27 fazendas em 6 municípios. A tabela 1 mostra a distribuição das fazendas por município, com maior equilíbrio da oferta desses atrativos em 2015 (5 e 6 fazendas), exceto em Barra Mansa (município que consta apenas em 2015). Destaca-se o município de Paty do Alferes, que de 2 fazendas elencadas na oferta de atrativos culturais em 2006 passou a 5 propriedades em 2015.

Tabela 1: Fazendas associadas ao Instituto Preservale por município – 2005 e 2015

Municípios (nº)	Fazendas em 2005 (nº)	Fazendas em 2015 (nº)
Barra Mansa	1	1
Barra do Piraí	4	5
Paty dos Alferes	2	5
Rio das Flores	5	5
Valença	5	5
Vassouras	6	6
Total	22	27

Fonte: elaboração própria (2015).

A tabela 2 apresenta as características gerais das fazendas, indicando o município que estão localizadas, o ano de sua fundação e o tipo de família ou instituição proprietária.

Observa-se que poucas fazendas eram de propriedade das famílias que as fundaram (3), sendo que uma delas foi doada à instituição religiosa – Fazenda Santo Antônio do Paiol (Valença).

Tabela 2: Características gerais das Fazendas do Instituto Preservale

Nome	Município	Fundação	Proprietário
Fazenda da Taquara	Barra do Piraí	1810	Mesma família
Fazenda Ponte Alta	Barra do Piraí	1830	Outra família
Fazenda do Arvoredo	Barra do Piraí	1854	N/I
Fazenda São João da Prosperidade	Barra do Piraí	Décadas de 1820 a 1830	Outra família
Fazenda da Aliança	Barra do Piraí	1861	Outra família
Fazenda da Posse	Barra Mansa	1768	N/I
Fazenda Santa Cecília	Paty dos Alferes	1870	Outra família
Fazenda São João da Barra	Paty dos Alferes	1830	Outra família
Fazenda Monte Alegre	Paty dos Alferes	1855	Outra família
Fazenda Pau Grande	Paty dos Alferes	1748	Outra família

Fazenda Boa Esperança	Paty dos Alferes	1850	Outra família
Fazenda União	Rio das Flores	1836	Outra família
Fazenda Campos Elzeos	Rio das flores	1851	Outra família
Fazenda Santo Antonio	Rio das Flores	1842	Outra família
Fazenda do Paraíso	Rio das Flores	1845/1853	Mesma família
Fazenda Florença	Valença	Século XIX	Outra Família
Fazenda Santo Antonio do Paiol	Valença	1804 (1852 – 2ª sede)	Instituição religiosa
Fazenda Chacrinha	Valença	Décadas de 1850 a 1860	Outra família
Fazenda São Paulo	Valença	Década de 1820	Outra família
Fazenda Pau D’alho	Valença	1835	Outra família
Fazenda Vista Alegre	Valença	1852	Outra família
Fazenda Bocaina	Valença	1816	Outra família
Fazenda Cachoeira Mato Dentro	Vassouras	1840	Mesma Família
Fazenda do Secretário	Vassouras	Século XIX	Outra família
Fazenda Mulungu Vermelho	Vassouras	1840	Outra família
Fazenda Cachoeira Grande	Vassouras	Século XIX	Outra família
Fazenda São Fernando	Vassouras	1813	Outra família
Fazenda Galo Vermelho	Vassouras	Século XIX	Outra família
Fazenda São Luiz da Boa Sorte	Vassouras	1835	Outra família

Fonte: elaboração própria (2015) com base em dados de Silveira (2007) e Instituto Preservale (2015).

Ainda pelos dados da tabela 2, somente 3 fazendas continuavam na mesma família que as tinha fundado – Taquara, Paraíso e Cachoeira Mato Dentro. Essa continuidade é um aspecto importante na criação de vínculo emocional e valor simbólico, conforme relatado por Silveira (2007, p. 99):

[...] a continuidade da posse passando de geração a geração da mesma família, cria um vínculo emocional, entre a propriedade e os familiares dos fundadores, fazendo com que passe a ser uma questão de honra não desfazer do bem, como uma forma de homenagear os antepassados. Por esta razão cada objeto de época passa a ter um valor simbólico para os familiares.

Todas as fazendas tinham a lavoura do café como atividade produtiva original, e foram fundadas por aqueles que seriam os futuros Barões do Café entre 1768 a 1870, sendo que a maioria das propriedades surgiu entre as décadas de 1830 a 1850, período em que o café foi se valorizando como produto de exportação. Com a decadência do café

produzido no Brasil no mercado internacional durante o século XIX, apenas uma das fazendas mantinha o cultivo de café em 2006 com as mesmas técnicas empregadas no século XIX – Fazenda Taquara (Barra do Pirai); as demais passaram a explorar, principalmente, a pecuária (leiteira e gado de corte) e o turismo; outras atividades foram citadas como agricultura orgânica, criação de cavalos e produtos artesanais (cachaça, linguiça e queijos).

Em geral a área original das fazendas foi reduzida face à divisão entre herdeiros, sendo que a casa sede permaneceu no mesmo local da original. Muitas edificações da época do café foram restauradas, e/ou reformadas, sem, no entanto, descaracterizar aspectos da fachada e organização do espaço interno. Quanto ao mobiliário, este permaneceu na maioria e em alguns casos constatou-se a adaptação de compartimentos, em especial para hospedar visitantes.

CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA

O turismo praticado no espaço rural do Vale do Café, denominado de turismo cultural, turismo de interpretação, turismo de habitação, turismo de lazer cultural, turismo pedagógico, turismo histórico-cultural rural, turismo de origem, turismo de descanso, turismo de acolhimento ou turismo familiar, não faz referência ao ambiente rural, do ponto de vista da paisagem, sendo que em todas as fazendas, a visita limita-se principalmente à parte interna da antiga casa sede.

A opção pelo turismo nas propriedades investigadas no biênio 2005-2006 parece ter se iniciado em 1983, na Fazenda São Fernando (Vassouras), cuja ideia não era “[...] o turismo propriamente dito, como um negócio, e sim, uma proposta pedagógica, aliada à história da fazenda, da região e da cafeicultura brasileira, a partir do século XIX”. O período de 1998 a 2002 concentra o maior número de fazendas que aderiram ao turismo (10).

Quanto às razões para ingressarem no Turismo, os entrevistados citaram o incentivo de Evelin Pasquale, da Fazenda Ponte Alta, e Ilza Rozemberg, incentivadoras do turismo nas fazendas, as quais foram pioneiras na implantação do turismo nas

fazendas históricas do Vale do café fluminense. As razões citadas nesse sentido, por grupo de fazendas de cada município, foram as seguintes:

- Fazendas de Barra do Piraí: grande procura de turistas estrangeiros; percepção da fazenda como um patrimônio histórico que recebia grupos para trabalho de psicólogos e terapeutas; tendência de outras fazendas em proposta com técnicas interpretativas da história dessas propriedades.
- Fazendas de Paty do Alferes: fator histórico foi decisivo em uma propriedade de pequena extensão e improdutiva; contribuição para o conhecimento da história da região e como um compromisso social.
- Fazendas de Rio das Flores: influência de outros proprietários de fazendas vizinhas, pela riqueza histórico-cultural da região, e pela fazenda enquanto atrativo turístico; alternativa para a manutenção de um bem histórico.
- Fazendas de Valença: atividade complementar à pecuária; respeito à memória de Francisca Esteves (Fazenda Santo Antônio do Paiol) de preservar a fazenda para a história; projeto regional que resultou na fundação do Instituto Preservale (1994).
- Fazendas de Vassouras: alternativa de preservação da memória histórica das fazendas; riqueza histórica da fazenda como patrimônio e para cumprir uma obrigação social – um patrimônio educativo para o turismo; terra improdutiva para a agricultura; quando as fazendas começaram a abrir “suas portas” para a visitação pública; turismo como uma proposta pedagógica aliada à história da fazenda, da região e da cafeicultura brasileira.

Percebe-se que houve incentivo de pessoas locais e do Instituto Preservale, ao mesmo tempo em que os proprietários perceberam os seus bens como patrimônio histórico de valor para o turismo, pois alguns já recebiam turistas (estrangeiros e profissionais), outros seguiram a tendência de fazendas que se abriram para visitação e para os demais o turismo se mostrou como atividade complementar ou atividade principal de propriedades sem outras opções.

As propriedades, quando decidiram implantar o turismo, o fizeram com base no potencial histórico da casa sede, sendo que apenas 3 proprietários afirmaram ter consultado profissionais especializados em restauração e arqueologia para não

correrem o risco de descaracterização. Vale lembrar que estas iniciativas foram isoladas, não tendo, mesmo nesses casos, a participação dos órgãos de preservação do Estado e da União.

Em relação aos serviços turísticos, a maioria das fazendas (13) oferecia somente visitação na casa sede, justificada por motivos tais como: a) a visitação torna-se mais rápida e não altera a rotina da fazenda; b) não depende de mão de obra e de empregados e é menos trabalhoso; c) ocupa somente o período da realização (1 a 2 h); c) não requer uma infraestrutura montada; d) é residência da família proprietária; e) o tempo de ocupação e a responsabilidade com o visitante é menor; d) está aberta para visitação apenas para atender pesquisadores ou como lazer cultural. As que ofereciam também a hospedagem (9) justificaram essa opção como investimento a partir da reforma e/ou adaptação de ambientes internos das edificações.

Os passeios e atividades oferecidas especificamente aos que se hospedavam nas fazendas indicaram que o atendimento se associava ao ambiente “requintado” da época como diferencial, à importância do serviço personalizado, à oferta de outras opções de lazer e esporte, como piscina, caminhada, passeio a cavalo, à visita a outras fazendas da região e à própria hospedagem em uma edificação histórica. Observou-se a busca de uma identidade da propriedade e sua história, colocando-se em prática os recursos para conquistar o visitante.

Por fim, quanto ao principal atrativo da fazenda segundo os proprietários, foi citada a arquitetura da casa sede (7), seguida pela história (5) e pelo mobiliário (3). Outros motivos menos citados foram os recursos culturais, a natureza e a possibilidade de atividades de lazer, além de ambientação de base histórica ou história viva com eventos como o Sarau Histórico e o Chá Imperial⁴, e dos documentos, móveis e artefatos pertencentes a uma “família de posses”. O uso dessa técnica interpretativa cresceu na oferta de atrativos da região conforme depoimento do administrador da Fazenda Ponte Alta e do proprietário da Fazenda Florença, respectivamente: “o público frequentador no início dessa atividade era pequeno e muito elitizado”. Hoje o público é maior e já

⁴ Esses eventos foram influenciados pelo Chá Imperial do Museu Casa da Hera, conforme estudo de Silveira (2016), primeiro evento de história viva na região descrito detalhadamente por Silveira (2002).

sustenta as despesas de manutenção da propriedade o que seria inviável a uma década atrás”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implantação da atividade turística caracterizou-se como uma ação de resgate da história, uma contribuição cultural de valorização do patrimônio, onde se pretende mostrar a história do Vale do Café Fluminense, enaltecendo a importância dos seus protagonistas e a dependência da força da mão de obra escrava.

Os proprietários tinham diferentes perfis e viram uma nova perspectiva para sua propriedade. Existe o grupo dos investidores, proprietários que adquiriram a fazenda com a visão de mercado, e por esta razão investiram no turismo, entendendo ser esta uma área com perspectivas de crescimento; há aqueles que consideraram o turismo um negócio, como outro qualquer que traz retorno; e outro grupo que se preocupa com o patrimônio, muito além da questão econômica, sem uma preocupação direta com o retorno financeiro.

O turismo nas propriedades associadas ao Instituto Preservale em 2005 e 2015 na região do Café no Vale do Paraíba Fluminense era desenvolvido dentro de um mesmo propósito, enquanto região, porém cada propriedade oferecia seus atrativos de forma particular, tomando por base a história desta localidade. Não se observou maior definição na elaboração de roteiros temáticos ou de sua associação a atividades agroturísticas, ou seja, participação em atividades produtivas da propriedade.

Apesar de variações, todos os atrativos vinculavam-se à história da fazenda, da região ou faziam referência à cafeicultura, o que reafirmava o apelo histórico-cultural do turismo implementado nas fazendas do Vale do Café Fluminense como o diferencial do turismo cultural na região.

**CULTURAL TOURISM IN THE VALE DO PARAÍBA, RIO DE JANEIRO (BRASIL) -
CHARACTERIZATION OF THE ATTRACTION SUPPLY IN THE "IMPERIAL FARMS"**

ABSTRACT

This article is based on the results of the research conducted in the biennium 2005-2006 (phase 1) and is aimed to define a new research in the area of hospital practices in 2015 (phase 2). In the form of exploratory research, it endeavors to understand the development of the touristic activity in a set of farms which represents the coffee plantation during the nineteenth century in the Paraíba Fluminense valley through printed and electronic documents. The research verifies on phase 1 the tourism activity in 22 farms, which were created between 1768 to 1870 and in phase 2, this number increases to 27, indicating the growth/appreciation of this offer of tourist attractions. In phase 1 of the visit research, the services offered to tourists and visitors were lodging, visitations and tours on and off the property, with special emphasis on visitations. The main attraction in the view of the owners was the architecture of the headquarters house associated with the history and culture of the farm and region, besides the furnitures, decoration, nature and leisure activities. It was confirmed an atmosphere of historical base in events like the Historical sarau and the Imperial Tea.

KEYWORDS: TOURISM IN RURAL SPACE. CULTURAL HISTORICAL TOURISM. IMPERIAL FARMS. VALE DO PARAÍBA FLUMINENSE.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. E. dos S. **O Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Real Rio Gráfica, 1989.
- BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 3ª ed. São Paulo: SENAC, 2000.
- DENCKER, A. de F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2005.
- FERRÃO, A. A. **Arquitetura do café**. Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- INSTITUTO PRESERVALE. **Fazendas históricas**. Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.preservale.com.br>>. Acessado em maio de 2015.
- LAMEGO, P. **O Brasil é o Vale**. São Paulo: Gráfica Estadão, 2003.
- MACHADO, L. L. **Vassouras, recanto histórico do Brasil**. Vassouras: Gráfica Palmeiras, 2000.

PIRES, F. T. F. **Antigas fazendas de Café da província fluminense**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. (Coleção Memória Brasileira).

PIRES, F. T. F. **Fazendas solares da região cafeeira do Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. (Coleção Memória Brasileira).

SANT'ANA, Sônia. **Barões e escravos do café: uma história privada do Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SILVEIRA, A. S. **Ambientação de base histórica: ferramenta de incremento do turismo – O exemplo de Vassouras – RJ**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SILVEIRA, A. S. **Turismo nas fazendas imperiais do Vale do Paraíba Fluminense**. São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVEIRA A. S.; REJOWSKI, M. (2016). **Turismo cultural e patrimônio: o Chá Imperial no Museu Casa da Hera**. **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, v. 8, n. IV, p. 1-13, out-dez, 2016.

SOARES, G. M.; VIEIRA FILHO. N. A. Q. (2008). **As fazendas dos barões do café no Brasil: patrimônio histórico rural e turismo**. **Reuna**, v. 13, n. 3, p.41-53.

STEIN, Stanley Julian. **Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900**. Trad. de Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

TAUNAY, Affonso de E. **História do café no Brasil**. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 2 v., 1939.

Cronologia do Processo Editorial

Recebido em: 24. nov. 2016

Aprovação Final: 13. dez. 2016

Referência (NBR 6023/2002)

SILVEIRA, Adalgiso Silva. **Turismo cultural no Vale do Paraíba fluminense: caracterização da oferta de atrativos nas “fazendas imperiais”**. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 5, n. 2, p. 46-59, jul./dez. 2016.